

MORTE: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS PERSPECTIVAS DE LIDAR COM A MORTE

DEATH: A COMPARATIVE STUDY CONCERNING THE PERSPECTIVES OF DEALING WITH DEATH

Cassiana Trentin*
Danieli Duarte**
Danielly Corrêa***
Michaela Carla Laurindo****
Thagma Müller*****

*CASSIANA TRENTIN, acadêmica do quarto ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, campus Cascavel. Rua Castro Alves, Edifício Itália, AP: 111, centro, Cascavel PR, CEP: 85800-800, cassiano_trtn@hotmail.com

**DANIELI DURANTE, acadêmica do quarto ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, campus Cascavel. Rua Francisco Alves, 78, bairro Entre Rios, Santo Antônio do Sudoeste PR, centro, CEP: 85710-000, danizenhahh@gmail.com

***DANIELLY CORRÊA, acadêmica do quarto ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, campus Cascavel. Rua Presidente Kennedy, 1603 Residencial Presidente Kennedy, AP: 303 BL: A, centro, Cascavel PR, CEP: 85810-041, danny43@yahoo.com.br

****MICHAELLA CARLA LAURINDO, professora Mestre orientadora do trabalho da Universidade Paranaense – UNIPAR, campus Cascavel, Rua Gal Estilac leal, 1791 apto 14, centro, Toledo PR, CEP: 85900-120, michaela@unipar.br

*****THAGMA MÜLLER, acadêmica do quarto ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, campus Cascavel. Rua Jorge Lacerda, 798 Residencial Quinta do Sol, AP: 42 BL: A1, centro, Cascavel, PR, CEP: 85810-220, thagma_muller@hotmail.com

Recebido em abril/2007
Aceito em maio/2007

TRENTIN, C.; DURANTE, D.; CORRÊA, D.; LAURINDO, M. C.; MÜLLER, T. MORTE: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS PERSPECTIVAS DE LIDAR COM A MORTE. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 3, p. 141-151, jul./set. 2007.

RESUMO: A morte é uma questão essencialmente humana, sendo considerada um fato que fascina e que aterroriza. Esta pesquisa teve por objetivo geral analisar e comparar as maneiras como profissionais que convivem com a morte em suas práticas quanto as outras pessoas, de forma geral, lidam com esse fenômeno e, para tanto, foram enfocados os objetivos específicos: caracterizar culturalmente seus significados, identificar os principais fatores culturais, que contribuem para o seu enfrentamento entre pessoas que lidam profissionalmente com ela e as outras pessoas, levantar informações sobre as vivências diretas e indiretas com essa ocorrência e investigar se a exposição freqüente à situação de morte contribui para seu melhor enfrentamento. Participaram da pesquisa 10 pessoas, sendo que cinco fizeram parte do grupo um (G1), o qual refere-se às pessoas de modo geral e cinco fizeram parte do grupo dois (G2) que se refere aos profissionais que lidam com a morte em suas práticas, escolhidos de forma aleatória intencional. Os dados foram coletados por questionários com perguntas abertas e fechadas. Após a análise dos dados percebeu-se diferença na forma de enfrentamento das situações de perda entre os profissionais e as outras pessoas. Assim, os profissionais criam mecanismos de negação na sua prática, como uma maneira de se distanciar da reflexão sobre a morte. As demais pessoas enfrentam a situação de maneira particular, pois é um fato inevitável que envolve uma relação afetiva com o ente perdido.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Cultura; Profissionais.

ABSTRACT: Death is an essentially human issue. It is considered as a fascinating and terrifying fact. This research analyzes and compares how professionals, who deal with death in their practices, face the death phenomenon in relation to ordinary people. Therefore, these specific objectives were focused: characterizing its meanings culturally, identifying the major cultural aspects contributing for its facing between people who deal with it professionally and those who do not; gathering information regarding direct and indirect experiences with respect to this occurrence, and investigating whether constant exposure to death contributes for better facing it. Ten people took part in this research, five in group one (G1), which refers to ordinary people, and five in group two (G2), which refers to professionals dealing with death in their practices. They were randomly chosen. Data were collected through open-and-closed question questionnaires. After data analysis, differences were observed on how professionals face loss. Thus, professionals build up a denial mechanism within their practices as a way of self-distancing from reflections on death. Ordinary

people face such situation in a particular way since it is an inevitable fact involving an affective relationship with the individual gone.

KEYWORDS: Death; Culture; Professionals.

INTRODUÇÃO

A morte significa uma cessação definitiva da vida e ausência de vivacidade. Morrer é perder todo o movimento vital e esse fato atinge todos os seres vivos. Todo relacionamento humano chega a um fim, seja com a morte ou pelo simples afastamento pessoal com quem se conviveu um dia; é uma experiência de que ninguém poderá escapar. Talvez seja essa a única certeza que se tem na vida, porém há grande dificuldade de aceitar e entender como e por que acontece.

Independentemente de classe social ou formação profissional, de alguma forma todas as pessoas vão lidar com esse fenômeno. Porém, há aquelas que escolhem a morte como parte da sua prática profissional, sendo algumas mais bem preparadas para esta tarefa e outras, às vezes, sem condições necessárias para lidar com ela.

A partir desses aspectos, surgiu o interesse por investigar o fenômeno morte e as diferentes formas de se lidar com ela, com o objetivo de analisar e comparar as maneiras como profissionais que convivem com a morte em suas práticas e as outras pessoas em geral lidam com esse fenômeno. Para tanto, buscou-se traçar alguns objetivos específicos, tais como: caracterizar culturalmente os significados da morte; identificar os principais fatores culturais que contribuem ao enfrentamento da morte entre profissionais que lidam com a morte e as outras pessoas de forma geral; levantar informações sobre as vivências diretas e indiretas com a morte; investigar se a exposição freqüente à situação de morte contribui para melhor enfrentamento desta.

Aspectos históricos, sociais, ritos e crenças

Como o tema morte não é uma discussão atual, pretende-se aprofundá-lo e enfocá-lo historicamente e com os ritos e crenças pertinentes a cada faceta da história abordada nesta pesquisa, já que é uma questão essencialmente humana que evoca a idéia de finitude, ao mesmo tempo em que provoca um desconforto, pelo inevitável e pela certeza de que um dia a vida vai chegar ao fim.

De acordo com Ariès (2003), antes da Idade Média, a pessoa já sabia que iria morrer, a não ser que fosse uma morte terrível, considerada como excepcional. Quem já sabia da morte obtinha o

saber por símbolos naturais ou por intuição, própria convicção, mais do que por mágica ou premonição sobrenatural. Ao saber de seu fim próximo, a pessoa tomava suas próprias providências, de forma simples, e ela mesma desempenhava os últimos atos tradicionais do cerimonial, o que caracteriza a morte domada.

Segundo Ariès (2003), morrer era silencioso, algo natural, que o homem sabia que ia acontecer, seja porque se apercebeu facilmente, seja porque foi preciso adverti-lo. Para os narradores antigos, era natural que o homem sentisse a ameaça da morte. A morte, na época, era dificilmente inesperada, mesmo em caso de guerra ou de acidente, e a morte inesperada era muito temida, não só porque nela não cabia o remorso, como também privava o homem de refletir sobre sua vida.

Maranhão (2003) confirma esse fato, pois relata que a pessoa que estava para morrer fazia suas recomendações, expressava suas últimas vontades e se, despedia pedindo perdão. O sacerdote fazia-se presente para que o moribundo se confessasse e recebesse a comunhão como alimento para deixar o mundo material e pensar em Deus. Em seguida, era realizada a extrema-unção para a partida da pessoa ao leito da morte e a comunidade fazia suas orações.

Nessa época, os testamentos eram muito importantes, pois continham duas partes, uma constava a profissão de fé, confissão dos pecados, recomendações da alma, ou seja, fórmulas piedosas, e a outra parte era a distribuição das fortunas, pois era essencial doar as riquezas à igreja, para assim garantir a salvação para a vida eterna (ARIÈS 1977 apud KOVÁCS, 2002).

Ariès (2003) evidencia que a morte de si mesmo sucede a morte domada que ocorre a partir do século XI e XII, na segunda fase da Idade Média, mas não significava uma nova fase que substituiu a anterior, mas mudanças sutis que aos poucos deram um aspecto dramático e pessoal do homem com a morte. Assim, o que foi analisado, nesse período, era a inquietação com a peculiaridade de cada indivíduo frente à morte, demonstrada por vários fenômenos.

Este autor ainda afirma que além da morte domada, em algum momento da vida o homem passava a se preocupar com sua própria morte e o que aconteceria depois dela. Daí vem o medo do julgamento final da alma, que pode resultar na ida para o céu ou para o inferno, e como o apego às coisas terrestres é condenado pela igreja porque afasta de Deus, o homem tenta se desapegar de tentações como a família e objetos materiais, substituindo-os por ritos de absolvição, como orações aos mortos,

donativos, missas e testamentos, como garantias para o além.

Isso foi modificado quando o homem das sociedades ocidentais, a partir do século XVIII, passou a ver a morte por outros aspectos. Ao mesmo tempo em que se ocupa menos de sua própria morte, o homem também a deseja, exalta-a, dramatiza. Dessa forma, a morte romântica, retórica, é antes de mais nada, a morte do outro, este outro que pela lembrança e saudade sentidas atua como inspirador ao novo culto dos túmulos e cemitérios, no século XIX e XX (ARIÈS, 2003).

Para Ariès (2003), a morte passa a ser cada vez mais analisada como uma violação, como o ato sexual, que lança o homem num mundo violento, cruel e irracional, que arranca o homem de sua vida diária, de seu trabalho constante e da sociedade racional e o submete a uma crise, bem diferente de como a morte era enfrentada anteriormente.

Giacoaia (2005) afirma que, na Idade Média, era a religião, freqüentemente, que intervinha na vida dos homens. A garantia de paraíso tinha relação com a capacidade que eles tinham de se desprender de pendências pessoais e bens materiais, com a conclusão de que da vida nada se levava.

Em *Mal-Estar na Civilização*, Freud (1986) traz a idéia de que a religião nasceu frente a sentimentos de desamparo, sendo que essa explica enigmas do mundo e frustrações vividas, de acordo com sistemas de doutrinas e promessas. Ratificando isso, Morin (1970 apud KOVÁCS, 2002) afirma que, diante da morte, a religião tem por função tornar social e dirigir os ritos de falecimento, como maneira de lidar com o terror.

Segundo Elias (2001), há muitos modos de suportar o fato de que todas as vidas, inclusive as das pessoas que se ama, têm um fim. O término da vida humana, que se chama morte, pode ser mitologizado pelo conceito de uma outra vida, no inferno ou no paraíso. É a maneira mais ancestral e comum de os homens encararem o fim da vida.

Ariès (1977 apud KOVÁCS, 2002) afirma que, já no século XX, têm-se a morte vergonhosa, ou a morte invertida, em que o fenômeno morte era tido como fracasso, impotência e por isso devia ser ocultada, pois não pertencia mais à pessoa, por tirar a responsabilidade e depois a sua consciência. Há uma dificuldade em suportar a proximidade com a doença e com a morte. O local dela é transferido do lar para o hospital, sendo útil porque escondia a aversão e os aspectos sórdidos ligados à doença. A família e parentes ficam afastados para zelar o silêncio dos hospitais e não vêem o ente morrer, tornando a morte oculta.

Antes, o homem tinha consciência de seu fim, fosse reconhecido por ele ou advertido por outros. A morte repentina ou inesperada era vista como uma tragédia ou maldição, porque privava o homem de se arrepender ou organizar seu fim. Hoje, o ideal é que ele morra sem perceber ou se dar conta de sua morte, que ele não saiba ou sinta que seu fim está próximo (MARANHÃO, 1986).

Atualmente, a morte deixou de acontecer nas casas ao lado dos amigos e da família e foi para hospitais, afastando as pessoas da morte. Hoje se morre só. Evita-se falar em morte e, quando ela é vivenciada, entra-se em contato com algo que é pouco familiar (TINOCO, 2003).

De acordo com Tinoco (2003), os próprios familiares cuidavam da preparação do corpo e do enterro. Até o século XIX, a perda era vivenciada e compartilhada por todos, inclusive pelas crianças. Hoje, tudo fica a cargo de profissionais, e os familiares são expectadores e não participantes.

Araújo e Vieira (2004) afirmam que os velórios são feitos longe da casa do falecido e o corpo é preparado para que continue com características normais, para que sua presença seja rapidamente esquecida. E o funeral deve acontecer o mais rápido possível. Tudo isso é porque a morte não responde aos interesses de uma sociedade industrial capitalista.

Segundo Tinoco (2003), hoje não se chama mais o padre para dar a extrema-unção antes que o doente morra. A morte passa a ser um evento solitário, pois a aversão pela doença e pelo corpo agonizante torna-se intensa. Esse sentimento perdura muito tempo, já que a possibilidade de prolongar-se a vida é muito maior nos dias de hoje.

Reflexões acerca do fenômeno morte

É lógico não querer perder. Não se deveria perder nada, nem saúde, nem amor, nem amizade, nem pessoas amadas e queridas. Mas a realidade é outra e vivencia-se uma constante alternância de perdas e ganhos. A morte é o único acontecimento certo na existência do ser humano, porém ninguém está preparado para ela. Uma questão é fato, sobre a qual o homem se pergunta ou tem dúvidas, se é possível organizar-se para a morte dos outros ou para a sua.

Para Araújo e Vieira (2004), a morte é um tema difícil de ser admitido, ignorado pelas pessoas, pois se fala o menos possível a seu respeito, na tentativa de mantê-la distante do mundo dos vivos. A morte tem diversos significados, que variam de pessoa para pessoa. No entanto, de uma forma

geral, ela é vista como sombria, nebulosa e mórbida, trazendo com ela o disfarce, o silêncio e a negação, como se fosse possível eliminá-la da vida.

As autoras citadas acima mostram também que a morte é um fenômeno individual e único, podendo apenas ser vivida por quem está morrendo, mas pode ser acompanhada por outra pessoa. No entanto, há dificuldades para entendê-la e também enfrentá-la, sendo que será vivida por todos, mais cedo ou mais tarde. Então, como há um medo de aceitação de que o destino é a morte, os homens preferem acreditar que a finitude é uma vida infinita.

França e Botomé (2005) argumentam que a morte traz a idéia de fim, e está relacionada a vários atributos como interrupção, tristeza, dor, desconhecimento, ruptura. E de forma antagônica, a morte coexiste com a vida, e incute medo, angústia e ausência de palavras para expressá-la.

Discorrer a respeito da morte é uma tarefa complicada, a partir da análise de uma realidade irreversível imanente ao mundo dos vivos. A única certeza que se tem no universo racional da vida dos seres humanos é a morte, entretanto a maioria dos homens a receia e, se possível, fariam tudo para adiá-la (MORIN, 1997).

Então Boss (1997 apud CASSORLA, 1998) afirma que essa consciência da finitude acaba por trazer uma angústia humana, uma angústia da limitação de nada poder fazer contra ela. Então o indivíduo a nega, para não entrar em contato com a experiência, para que possa viver em um mundo de fantasias em que há uma ilusão da imortalidade.

O mesmo autor acrescenta ainda que, a partir disso, decorre a necessidade de se criar “verdades”, que podem fazer parte da autoridade da fé, com a finalidade de dissipar o “terror”. E, ainda, quando os fatos fogem do controle das pessoas, tende-se a criar teorias que às vezes podem estar certas, pois a intuição existe, mas geralmente são objetos internos que se projetam em outros. Ou ainda criam-se teorias, intelectualizando, pois se acredita que tem que existir algo após a morte, como a idéia de paraíso, e reencarnação.

Os indivíduos e a sociedade devem aceitar e negar a morte ao mesmo tempo. Aceitar, pois se tem que manter o contato com a realidade e negar, pois para continuar a viver e fazer projetos para o futuro, tem-se que esquecer, por alguns instantes, a finitude e os limites (TINOCO, 2003).

Opondo-se à idéia acima, Jung (1978 apud KOVÁCS, 2002) relata que não se deve negar a morte ou esconder o sol com uma peneira, mas preparar-se para a morte vivendo intensamente, convivendo com ela em busca do seu significado.

Segundo Jaramillo (2006), pensar na própria morte é um assunto impactante, profundo, dramático e misterioso, porque é, em maior parte, desconhecido, provocando na maioria das pessoas repúdio e medo. Desse modo, a negação como um mecanismo de defesa é esperável e natural. Afinal, todas as pessoas têm o direito de negar a própria morte, ou a dos seres que ama, para poder viver. Assim, haverá momentos em que se pode enfrentar a morte com clareza, coragem, serenidade, enquanto em outros se reage com espanto e opta-se pelo consolo artificial de fechar os olhos, na tentativa de ignorar aquilo que desperta terror.

Partindo desse mesmo pressuposto, Elias (2001) diz que se pode tentar fugir da idéia da morte afastando-a tanto quanto possível, ou admitindo uma crença ou fé firme e constante em sua própria eternidade, ou seja, “os outros morrem, mas eu não”. Há uma intensa disposição nesse significado nas sociedades modernas de hoje.

Jaspers (2001) afirma que há um fato incontestável que cerca a morte: o homem teme a própria morte, mas também teme e lamenta fortemente a morte dos seus entes, amigos e pessoas próximas.

Preparar-se para a morte, própria ou de um ente querido, é um complexo processo intelectual, espiritual e emocional. Algumas pessoas têm considerado essa realidade e têm se aproximado dela de forma filosófica, religiosa e profissional. Discute-se com frequência, nas famílias, aspectos práticos, como doações de órgãos, seguro de vida, planos funerários e testamento. No entanto, fala-se apenas em termos hipotéticos, como “se um dia eu morrer...” porque permitem estabelecer uma distância intelectual (JARAMILLO, 2006).

Já para Maranhão (1986), no momento em que o homem tem conhecimento da possibilidade de sua própria morte, ele é conduzido a rever os valores e prioridades de sua existência, relativizando o que até então era dado como incontestável. A consciência da morte mostra o quão sem valor é o acúmulo de posses e das rotinas cotidianas, pelas quais geralmente o indivíduo é dominado. Assim, quando os homens afastam-se continuamente do pensamento da morte, é porque querem proteger os seus valores mundanos aos quais se dedicam com tanta coragem e abnegação.

Algumas considerações sobre o processo de elaboração do luto

O luto pela perda de uma pessoa amada é a experiência mais universal e, ao mesmo tempo, a

mais desorganizada e assustadora que vive o ser humano. O sentido dado à vida é repensado, as relações são refeitas a partir de uma avaliação de seu significado e a identidade pessoal se transforma. Nada mais é como costumava ser. E ainda assim há vida no luto, há esperança de transformação, de recomeço. Porque há um tempo de chegar e um tempo de partir, a vida é feita de pequenos e grandes lutos, pelos quais o ser humano se dá conta de sua condição de ser mortal.

A perda de um ente querido é uma experiência irremediável da vida, muito dolorosa e difícil de assimilar. A dor vai variar de acordo com o tipo de vínculo existente, as necessidades pessoais que eram satisfeitas pelo indivíduo, os papéis que desempenhava no mundo interno e social de quem fica, os espaços que ocupava e também os espaços que deixa vazios (JARAMILLO, 2006).

De acordo com Bromberg (2000), para a superação do luto e a conseqüente cicatrização da ferida, é necessário que haja cura, e esta acontece a partir de duas mudanças que precisam ocorrer no plano psicológico, que consistem em: reconhecer e aceitar que houve a morte e não há mais uma relação e é preciso perceber, experimentar e lidar com os problemas e as emoções envolvidos com a perda. Mas essas condições necessitam de tempo, e podem ser tanto individuais quanto sociais, mas indispensáveis para a elaboração do luto.

Worden (1982 apud JARAMILLO, 2006) argumenta sobre quatro categorias para os desafios que uma pessoa apresenta quando vive um sofrimento:

1) admitir a perda como real, a qual supõe saber o que aconteceu como aconteceu, e elaborar uma explicação pessoal satisfatória de por que aconteceu. Conhecer o ocorrido é um pré-requisito para aceitá-lo e processá-lo devidamente;

2) permitir-se reagir, uma vez que a pessoa está enfrentando uma situação de perda. Deve se permitir expressar seu sofrimento, sua dor, raiva, medo, culpa, ansiedade, desespero, vazio e outros. Essas expressões podem se alternar durante um mesmo dia, e causam desgaste, esgotamento e desconcerto na pessoa afetada;

3) reorganizar a vida, ou seja, reconstruir, reaprender, reacomodar-se ao que aconteceu em um ambiente modificado, mas isso tudo requer um esforço consciente e um compromisso de continuar vivendo, perceptível inicialmente nos detalhes de reorganizar a casa, o quarto onde dormia, seus pertences, planejar as férias e outros;

4) reconectar-se, reinserir-se no mundo, reintegrar-se com os outros seres importantes

afetivamente. De forma gradativa e lenta, a pessoa afetada vai voltando à realidade: Aos poucos volta a trabalhar com vontade, a sorrir, a desfrutar das pequenas coisas que lhe davam prazer e deixaram de ser importantes nos momentos mais difíceis do luto. Pouco a pouco retorna à vida social, a conviver com os grupos de pessoas que abandonou temporariamente durante o luto, e talvez comece a se direcionar a novos projetos de vida e com o tempo a um novo amor ou afeto expressivo.

O fenômeno morte para os profissionais em suas práticas

Todas as pessoas presenciam a morte em seu cotidiano, sejam elas graduadas, doutoradas, analfabetas ou profissionais da saúde, e todas têm percepção da impotência perante esse fenômeno doloroso, convivendo com inúmeros sentimentos e reações frente a isso, demonstrando que o tabu da morte está presente nas atitudes e nos comportamentos das pessoas, independentemente de classe social ou formação. Os sentimentos e reações mais comuns envolvem dor, medo, nojo, angústia, despreparo psicológico, mitos, rezas, rituais, defesas emocionais, entre outros (LESSA, 1995).

Assim Lunardi e Celich (2006) dizem que, por mais que a morte seja um assunto que gere medo, dúvidas e angústias, esta deve ser considerada e questionada, uma vez que atinge a todos, especialmente os profissionais que lidam com vidas e possível morte, diretamente, em seus dias. Logo, faz-se importante conhecer o que sentem esses profissionais que convivem com o risco de morte e como lidam com o morrer de seus pacientes.

França e Botomé (2005) trazem que esses profissionais, ao lidarem com pacientes próximos de morrer, enfatizam procedimentos técnicos, realizando suas tarefas de maneira rotineira, como forma de proteção contra o envolvimento com o sofrimento perante a morte, para não estabelecerem vínculos mais fortes.

Baraldi e Silva (1999) afirmam que, sendo a morte um acontecimento temido e negado, tanto pelos profissionais quanto pelos familiares, nessas situações pode-se criar um conflito sem resolução ou um vínculo de ajuda, em que o mecanismo de fuga é muito presente. Com o passar do tempo, os profissionais acabam criando mecanismos de defesa que os ajudam nesse enfrentamento, já que não têm facilidade para lidar com situações de morte, ocorrendo sensações de frustração, estresse, tristeza, impotência e perda, mas também tendo

momentos de reflexão.

Na sociedade ocidental industrializada, transformou-se a morte num tabu, relacionada a valores negativos, esvaziando seus significados e passando a ser assim mascarada e ocultada. Os hospitais passaram a ser lugares de tratamento do “lixo”, ou seja, do agonizante e/ou do morto, e a morte passa a ser dissolvida e silenciosamente é desaparecida. Nesse local, os mecanismos de ocultamento e negação da morte atingem, ao mesmo tempo, maior sutileza e força (BRANDÃO, 2002).

Não é possibilitado aos profissionais expressarem o que sentem, o que os angustia e nem suas dúvidas sobre morte, por isso eles acabam desenvolvendo um mecanismo de isolamento emocional, como uma das poucas maneiras de sobrevivência psíquica diante do contato diário com a dor, o sofrimento e a morte. Quando há expressão da percepção dos profissionais sobre a morte, tal atitude é encarada como inadequada imatura e/ou falha, já que o “correto” e esperado seria distorcer (BRANDÃO, 2002).

Acredita-se que os profissionais deveriam conhecer e compreender o estado psicológico das pessoas que buscam seu trabalho profissional, de forma a garantir um atendimento de melhor qualidade e mais competente, já que precisam enfrentar e lidar de frente com um fato que as pessoas tendem a discriminar, o de que a morte é unânime e presente em todos os domínios da vida (BROMBERG, 2000).

Porém, tanto os profissionais da saúde, que são preparados teoricamente para aprender e lidar com a morte, quanto as pessoas que não necessitam de formação profissional, criam mecanismos de defesa para lidarem com as questões da morte, para se protegerem das angústias, sofrimentos e contato com cadáveres (LESSA, 1995).

Os profissionais que lidam com a morte submetem-se a trabalhos sujos, perigosos, pesados e de baixa remuneração, além de tolerarem todo tipo de discriminação na procura de emprego. Geralmente, quem procura esse tipo de serviço são pessoas que não tiveram outras oportunidades de trabalho, ou seja, foram recusadas pelo mercado, ou ainda por não exigirem formação e especialização. Estes sentem a aversão das pessoas, sentem também que causam estranheza, e ainda percebem a desconfiança. Por outro lado, enfatizam a coragem de fazer esse trabalho que muitos recusariam, e até absorvem a discriminação social racionalizando, como se fosse uma missão fazê-lo, ou por serem pessoas especiais para isso (LESSA, 1995).

Além do desprezo profissional sofrido pelas pessoas que lidam com a morte, evidenciado em

baixos salários, estigma e más condições de trabalho, somam-se medos, preconceitos e angústias e, na tentativa de conservarem a saúde física e psíquica, desenvolvem mecanismos de defesa e adaptação e o fazem também para se integrarem socialmente, lutando para diminuir a discriminação que sofrem, já que não há consideração social nem profissional por aqueles que se dispõem a limpar, recolher e sepultar os despojos humanos. Esses trabalhadores tentam equilibrar o desconforto psicológico com crenças, rezas, amuletos ou até drogas (LESSA, 1995).

Metodologia

Por ser uma pesquisa que envolve seres humanos, após a devida certificação pelo Comitê de Ética (ver anexo I), entrou-se em contato com os participantes, sendo-lhes informados os objetivos desta pesquisa; após o consentimento deles em participar, foram feitas as coletas de dados com a finalidade de se alcançarem os objetivos do presente estudo.

Participaram da pesquisa dez sujeitos, dos quais cinco já tiveram experiência com a morte de pessoas próximas – G1 – independentemente do tempo de ocorrência. Os demais são pessoas que lidam diretamente com a morte em suas práticas profissionais – G2 – (enfermeira intensivista, auxiliar de enfermagem, perito criminal, auxiliar de anatomia e necropsia e agente funerário). Tais profissionais foram escolhidos aleatoriamente, por acessibilidade.

Dos dez sujeitos que participaram do estudo, cinco fizeram parte do G1 e cinco do G2, sendo que destes, sete eram do sexo feminino (n=7), representando 70% da amostra, e três do sexo masculino (n=3), representando 30% da amostra. Com relação à variável idade, esta ficou entre 21 e 55 anos, sendo média de 32,4 anos. Já no que se refere à renda salarial, a média encontrada foi de três a cinco salários mínimos. No que diz respeito à escolaridade, a que surgiu com mais frequência foi Ensino Superior completo (n=6), seguido do Ensino Superior incompleto (n=2), e Ensino Médio (n=1) e graduação de 4º grau (n=1). A religião dos participantes também foi pesquisada, assim, 70% (n=7) responderam serem católicos praticantes, 10% (n=1) católicos não-praticante a favor do ecumenismo, 10% (n=1) evangélica luterana praticante e 10% (n=1) não tem nenhuma religião.

Para efetivação da coleta de dados da presente pesquisa, foram utilizados dois questionários mistos, estruturados da seguinte forma: o instrumento do grupo um (G1) teve quatro questões abertas, uma mista e três fechadas. Já o instrumento do grupo

dois (G2) teve sete questões abertas, uma fechada e uma mista. Os instrumentos foram elaborados de forma que os objetivos da presente pesquisa pudessem ser respondidos. Nos instrumentos também foram coletados dados sócio-demográficos dos participantes, que responderam ao problema de pesquisa e atenderam aos objetivos do estudo.

Inicialmente, foi entrado em contato com os participantes e, após aceitarem participar voluntariamente, foram explicados os objetivos da presente pesquisa. Em seguida, de acordo com a disponibilidade dos participantes, foram entregues os termos para a leitura e seu consentimento (ver anexo II), para confirmar sua participação, garantindo o sigilo das respostas e, em seguida, foram entregues os questionários e esperou-se que estes respondessem. Após responderem o questionário, foi agradecida a participação dos mesmos.

Os dados do presente estudo foram analisados de forma qualitativa. Segundo Minayo (2001), este método de análise diz respeito a questões muito particulares nas Ciências Sociais e se preocupa com o nível de realidade que não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas, ou seja, trabalha com o mundo de significados, crenças, atitudes, motivos, aspirações e valores, o que obedece a um espaço mais intenso das relações, dos fenômenos e dos processos que não podem minimizar a operacionalização de variáveis.

Para tanto, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. De acordo com Minayo (2001), podem-se enfatizar duas funções da aplicação desta técnica. Uma se refere à constatação de hipóteses e/ou questões. Assim, por meio da análise de conteúdo, podem-se confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses) e encontrar respostas para as questões estabelecidas. A outra função diz respeito a desvendar o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além do fato que foi comunicado. Ambas podem, na prática, complementar-se e podem ser aplicadas a partir de preceitos da pesquisa quantitativa ou da qualitativa.

Apresentação e discussão dos dados

A partir do que foi descrito até agora, abaixo se encontram a apresentação e a discussão dos dados, que foi feita por meio da análise de conteúdos de forma qualitativa, obtidos pela aplicação dos instrumentos, que foram, em sua maioria, respondidos por mulheres; no entanto, esta pesquisa não objetivou o estudo de gênero. Nesta análise, constam as

variáveis: tempo da perda, modo de lidar com isso hoje, grau de relação ou parentesco, reações à notícia e os sentimentos suscitados, os tipos de apoio, a indagação da morte como fim de todas as coisas, a elaboração subjetiva do tema morte, para ambos os grupos. Os dados foram analisados e agrupados de acordo com os objetivos específicos propostos pela pesquisa.

O primeiro objetivo que se refere a caracterizar culturalmente os significados da morte foi alcançado por meio do referencial teórico, em que se percebeu que cada pessoa significa a morte de acordo com sua cultura e religião.

Identificar os principais fatores culturais que contribuem para o enfrentamento da morte entre profissionais que lidam com a morte e as outras pessoas de forma geral foi segundo objetivo.

Uma das questões foi em relação ao tempo da perda, e este variou entre oito meses e dez anos. Esta questão também pode ser correlacionada com a questão quatro, sobre o modo de lidar com a perda hoje. As respostas demonstraram uma “marca” em todos, mas percebeu-se que quanto maior é o tempo da perda, maior facilidade há na aceitação desta, o que se verificou na resposta de um dos participantes (P3)¹, a quem a perda ocorreu há 10 anos: “(...) consigo falar e reagir bem em relação à morte do meu irmão”, já para o (P1), cuja perda ocorreu há nove meses, houve uma diferença significativa demonstrada na resposta: “Muita tristeza, saudades, lembro dele o tempo inteiro (...) Eu vou ao quarto dele todos os dias e converso com ele, como se estivesse ali”.

Isso é ratificado por Freud (1986), quando este relata que, no luto, necessita-se de tempo para que o domínio da realidade seja levado a efeito em detalhe, e quando isso é realizado, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido. Nesse mesmo sentido, Walsh e McGoldrick (1998) dizem que o processo de luto é bastante variável e freqüentemente dura muito mais do que as próprias pessoas esperam.

No que se refere ao grau de relação ou parentesco, as respostas que emergiram foram unânimes em relação a familiares, sendo estes: pai, mãe, filho, irmão e irmã. Freud, em sua obra “Reflexões para os tempos de Guerra e Morte” (1986), relata que há uma completa crise quando a morte abate alguém que é amado, como por exemplo, um filho, cônjuge, irmão ou irmã, ou amigo íntimo. As perspectivas, os desejos e os prazeres permanecem no túmulo com essa pessoa. Nada conforta, nada preenche o vazio deixado pelo ente perdido. A partir do que foi citado, Bromberg (2000) argumenta que, quando ocorre uma morte, vai-se o projeto de uma vida, vai-se a própria identidade, aproxima-se ainda

mais o confronto com a própria morte.

Um aspecto fundamental na elaboração do luto é o apoio recebido e os tipos de apoio mais evidenciados foram: apoio familiar, religioso, profissional, amigos e de namorado, nesta ordem de relevância. Possivelmente, o apoio familiar seja um dos mais essenciais, já que a família é um dos laços mais próximos e íntimos da pessoa enlutada, pela proximidade que conforta e dá segurança, assim como o apoio de amigos e companheiro (a), pela confiança advinda do convívio. Morin (1970 apud KOVÁCS, 2002) afirma que, diante da morte, a religião tem por função tornar social e dirigir os ritos de morte como maneira de lidar com o terror.

Outro tipo de apoio após a perda pode envolver também ajuda profissional. De acordo com Erthal (2004), a psicoterapia, ao lidar com pessoas com dificuldade de aceitação da perda, tem um objetivo: ajudá-los a refletir as suas qualidades de vida. Conhecer-se a si mesmo, enfrentar suas angústias, admitir mais a responsabilidade por seus atos e, sobretudo, investigar o que o medo da morte faz encobrir é uma forma de ajuda eficiente.

Em relação à indagação da morte como fim de todas as coisas, a resposta do P3 (G1) foi: "Entendo a vida como tendo dois estágios. Um físico na terra e um espiritual no céu, ao lado do Senhor", e a resposta do P4 (G2): "Acredito em uma vida após essa. Acredito em reencarnação (...)". Assim, tanto o grupo de pessoas que passaram pela perda de um ente próximo, quanto o grupo que profissionalmente está envolvido com situações de morte, acreditam na transcendência da vida, ou seja, há vida após a morte. Demonstrou-se, portanto, unanimidade quanto à crença em algo metafísico¹, seja ela espiritual ou não.

Cassorla (1992) afirma que, a partir disso, decorre a necessidade de criar "verdades", que podem fazer parte do domínio da fé, com o objetivo de dissolver o terror. E ainda, quando os fatos fogem do controle humano, se tende a criar teorias que, às vezes, podem estar certas, intelectualizando, pois se acredita que tem que existir algo após a morte, como a idéia de paraíso e reencarnação.

Foi feita uma comparação entre o grupo um e o grupo dois, a qual aponta como esses indivíduos elaboram subjetivamente o tema "morte", referindo-se à maneira como os pesquisados lidam com sua própria morte e de pessoas próximas, uma das respostas mais relevantes foi a resposta do P2 (G1): "Não tenho medo da minha morte (...) porém, tenho muito medo da possibilidade de morte de pessoas próximas a mim (...)" e a resposta do P2 (G2) que é perito criminal, "(...) às vezes caio na paranóia

de ficar pensando nisso, mas prefiro desviar meus pensamentos para situações positivas e nem sequer analisar esta possibilidade".

A maioria dos participantes do grupo um (G1) não teme a própria morte, porém, teme a morte de pessoas próximas, sentimento este compartilhado também pelos participantes do grupo dois (G2), mas no que concerne à sua própria morte, estes nem pensam a respeito, demonstrando que os profissionais tentam, freqüentemente, fugir da reflexão acerca de sua própria morte.

De acordo com o que foi relatado, Baraldi e Silva (1999) afirmam que, sendo a morte um acontecimento temido e negado, tanto pelos profissionais quanto pelos familiares, nessas situações, pode-se criar um conflito sem resolução ou um vínculo de ajuda, em que o mecanismo de fuga é muito presente. Com o passar do tempo, os profissionais acabam criando mecanismos de defesa que os ajudam nesse enfrentamento, já que não têm facilidade para lidar com situações de morte, ocorrendo sensações de frustração, estresse, tristeza, impotência e perda, mas também tendo momentos de reflexão.

No que diz respeito a como era enfrentar as situações de morte no início da carreira e como é hoje, o P1 (G2) relata que: "(...) no início foi um pouco complicado, hoje trabalho naturalmente e tento não deixar o trabalho me acompanhar em minha vida particular" e também o P5 (G2) descreve: "No início fiquei chocada (...) Hoje posso dizer que isso faz parte da minha profissão, me acostumei com esta situação". A maioria das respostas demonstrou que no começo não era fácil, mas com o tempo elas se acostumaram, possivelmente pelo mecanismo de negação que estes profissionais desenvolvem ao lidarem com essas situações específicas.

Jaramillo (2006) mostra que esse mecanismo de negação ocorre quando as pessoas se agarram às situações que cercavam suas vidas antes da ocorrência da perda e insistem em ignorar as implicações que uma morte impõe, sendo algo que todos os seres humanos utilizam diante de um forte golpe na vida enquanto não dispõe de recursos internos, de maior força para enfrentar a árdua realidade.

O terceiro objetivo refere-se a levantar informações sobre as vivências diretas e indiretas com a morte.

No que diz respeito à reação à notícia, o P2 (G1) relata que: "Achei que morreria junto. Por alguns momentos gostaria que isso acontecesse (...)", e a resposta do P4 (G1) foi a seguinte: "Fiquei desconsolada e senti que o chão faltou debaixo de

meus pés, é como se perdesse o sentido e pensasse que era somente um sonho”. Segundo Erthal (2004), muitas pessoas simplesmente se negam a viver: são aquelas que, por não aceitarem a perda, entregam-se à negação à vida ou ao isolamento. Sentem-se mais mortos que vivos, como se não fosse mais vantajoso lutar. Contribuindo com isso, Kovács (2002) afirma que a morte do outro se configura como a experiência da morte em vida. É a possibilidade de vivência da morte que não é a própria, mas é sentida como se uma parte de si morresse, uma parte ligada ao outro por meio das relações estabelecidas.

No que se refere aos sentimentos que emergiram logo após a notícia da morte de alguém próximo, ou de alguém com quem mantinha contato direto, as respostas mais manifestadas foram as de tristeza, impotência, surpresa, desespero e angústia. É possível que todos esses sentimentos surjam nas pessoas, inevitavelmente, após a notícia da perda, já que é provável que haja uma relação afetiva entre a pessoa e o ente querido.

Brandão (2002) diz que, depois da perda de um ente querido, é pertinente que lhes seja possibilitado entrar em contato e expressar a dor, falando, escrevendo, chorando ou até realizando algum ritual, para que as pessoas compreendam que seus sentimentos e sua dor são verdadeiros e precisam ser sentidos, pois só assim poderão transformar-se com o tempo, abrindo a possibilidade de um reinvestimento na vida.

Com relação ao sentido da morte, há crença de que existe uma outra vida, uma passagem para outro lugar, como pode ser evidenciado na resposta do P3 (G2) que entrou nesse campo profissional para cuidar de uma filial de funerária do irmão: “acredito que há uma segunda vida depois da morte, um lugar para nos reencontrar (...) morte é o que mais deixa dúvidas, e talvez a incerteza que mais nos desespera, por não sabermos quando e como vamos morrer”. Nesse sentido, Cassorla (1992) cita que a consciência da morte é algo que aterroriza e se constitui numa ferida, pois o não-saber é uma das coisas mais apavorantes e desesperantes para o homem, e como sobre a morte nada se sabe, representa uma submissão a algo desconhecido.

Nesse sentido, é pertinente refletir sobre as conotações religiosas frente às formas de enfrentamento. Assim, Jaramillo (2006) declara que os não crentes vêem a morte como um vazio, admitindo que o prazo terminou, que a passagem pela vida é breve e efêmera, um fim. Já os que acreditam numa vida após a morte, vêem esse evento como uma oportunidade de vida diferente, possivelmente melhor que a de agora, em razão dos méritos alcançados.

E aqueles que acreditam em um Ser Superior, em uma força, consideram a morte como um momento esperado, ao mesmo tempo desejado e temido, e que o encontro com esse Ser possivelmente irá gerar paz.

O quarto objetivo, na verdade, é um complemento e está relacionado ao anterior, pois buscou-se investigar se a exposição freqüente à situação de morte contribui para melhor enfrentamento desta. Isso pode ser evidenciado na resposta do P3 (G2) que trabalha na área há “34 anos” e lida com situação de morte “diariamente”; e na resposta do P2 (G2) que trabalha na área “Estou atuando como perito há quatro anos” e lida com a situação de morte “semanalmente”.

Assim, possivelmente pode-se concluir que, por mais que os profissionais estejam em contato freqüentemente com a morte, não significa que estes lidem melhor, mas que criam mecanismos de negação para evitar pensar sobre a questão da morte, preocupando-se apenas com os aspectos práticos como necropsia, funerária e enterro.

Complementando o assunto acima, Brandão (2002) diz que os mecanismos de negação e ocultamento da morte, por parte dos profissionais da saúde, atingem ao mesmo tempo maior sutileza e força. O problema em se defrontar com a própria morte faz com que o profissional diminua, ao mínimo necessário, o contato com os pacientes terminais; e os cuidados apontam exclusivamente aos fatores orgânicos, evitando-se a abordagem do componente emocional do paciente, ou seja, desenvolvem um isolamento emocional, como se fosse a única forma de sobrevivência psíquica no confronto diário com o sofrimento e a morte, objetivando algo muito particular e que somente cada um pode experimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é algo de que não se pode escapar, é o passo seguinte da vida, da mesma forma que o dia se transforma em noite, a juventude em velhice ou o outono em inverno. As pessoas se preparam para não sofrerem no inverno que virá; preparam-se para não sofrerem na velhice; mas poucas são aquelas que se preparam para a maior das certezas: a morte!

A sociedade moderna tem ignorado um dos seus mais importantes problemas. Para a maior parte das pessoas, a morte é algo a ser temido e respeitado e para outros somente significa a ausência de vida. Pode-se ignorar o significado da morte e o que ocorre após ela, mas se isso ocorrer, a existência humana estará condenada a ser vivenciada de forma

superficial. Assim, a morte transformou-se em algo considerado de alguma forma anti-natural. Quanto mais conscientes as pessoas estiverem da morte, mais preparadas estarão para o momento da grande perda, de tudo o que colecionaram e nutriram durante a vida: desde toda bagagem intelectual, todos os relacionamentos afetivos, até o corpo físico.

Dessa forma, pode-se concluir, por meio desta pesquisa, que os objetivos propostos foram alcançados com sucesso, uma vez que se verificou diferença na forma dos profissionais e as outras pessoas de forma geral lidarem com a morte, sendo também identificados os principais fatores culturais que contribuem para o enfrentamento da morte entre eles e ainda foram levantadas informações sobre as vivências diretas e indiretas com a morte. A partir do referencial teórico alcançou-se o objetivo de caracterizar culturalmente os significados da morte e do morrer.

Os profissionais fogem de pensar sobre a morte a partir de mecanismos de negação, sendo que estes consistem em criar bloqueios de certas percepções de mundo externo, ou seja, inconscientemente negam situações inaceitáveis de uma realidade externa, para proteger-se de um sofrimento, importando apenas os aspectos práticos.

As outras pessoas, de forma geral, vivenciam a morte por ser um acontecimento inevitável, por estar envolvendo pessoas que nutrem laços afetivos, sendo indispensável a estas passarem pelo processo de luto para que possam elaborar a perda.

A relevância em estudar esse tema se dá em função de a morte ser um assunto pouco discutido, e por isso, repleto de temores em vivenciá-lo, assim, este estudo pôde contribuir socialmente para o entendimento mais amplo do fenômeno, pois este trouxe à luz da discussão aspectos culturais, religiosos e sociais que circundam a morte. O resultado deste estudo contribuiu cientificamente para a produção de conhecimento, bem como poderá servir de base para outros estudos na área da Psicologia.

Estudar sobre a morte e luto dá aos profissionais uma visão completa do ser humano, já que não falar ou pensar sobre esse assunto não enfraquece sua força, não o deixa menos horrível, ao contrário, limita as chances de enfrentamento. A educação para a morte possibilita o enfrentamento em situações de perdas e crises, com o desenvolvimento de recursos próprios para isso, e também contribui para melhorar o aproveitamento da vida, reduzindo o medo de morrer.

Para que as pessoas desenvolvam a necessidade de pensar e refletir sobre a morte, para

ter maior conhecimento e facilidade no enfrentamento das situações de perda, recomendam-se propostas de educação para a morte, iniciando desde o berço, em que crianças a partir de três anos de idade deveriam ter acesso a este tema por meio de conversas, filmes, livros e, sobretudo, terem suas perguntas respondidas. É relevante inclusive a instrumentalização do corpo técnico-pedagógico e funcionários da escola, pelo fato de esta ocupar um papel essencial que facilite a expressão e elaboração no caso de vivência de perda e luto por um aluno; na comunidade, a fim de torná-la capaz de lidar com questões de morte e luto; para profissionais da saúde desde a formação universitária e, por fim, na mídia, para trazer o tema de modo correto, gerando debate e, conseqüentemente, aprendizagem.

Por ser a morte uma preocupação universal do homem e a Psicologia estudar a relação do homem com o mundo, dessa forma a morte deveria ser área de preocupação primordial da Psicologia, como campo de estudo e como prática profissional.

Assim, esta pesquisa poderá abrir campos para novos estudos mais aprofundados na área, já que ninguém está livre de passar por uma situação de perda, e por esta ser um acontecimento freqüente e inevitável na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P.; VIEIRA, M. J. A Questão da morte e do morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem. REBEn**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3. Maio/Jun. 2004.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Sequeira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARALDI, S.; SILVA, M. J. P. da. Reflexões sobre a influência da estrutura social no processo da morte-morrer. **Revista Nursing**, a. 2, n. 11. mar./dez. 2000.

BRANDÃO, L. **Psicoterapia hospitalar: uma abordagem holística e fenomenológico existencial**. Campinas: Livro Pleno, 2002.

BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situações de perdas e lutos**. São Paulo: Livro Pleno, 2000.

CASSORLA, R. **Da morte**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1998.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de "envelhecer e morrer"**. Tradução Plínio Dentzien de Janeiro: J. Zahar, 2001.

ERTHAL, T. C. S. M. Medo da Morte: medo da vida? In: ERTHAL, T. C. S. **Psicoterapia vivencial uma**

abordagem existencial em psicoterapia. São Paulo: Livro Pleno, 2004. cap. 7.

FRANCA, M. D. de; BOTOME, S. P. É possível uma educação para morte?. **Psicol. Estud.** Maringá, v. 10, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 fev. 2007.

FREUD, S. Mal estar da civilização. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1986. v. 14.

_____. Reflexões para os tempos de guerra e morte. **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: 1986. v.14.

JARAMILLO, I. F. de. et al. **Morrer bem.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

KOVÁCS, M. J. Representações de morte. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 1-13.

LESSA, C. **Trabalhando com a morte.** 2. ed. São Paulo: Scarpitta, 1995.

LUNARDI, Z. M.; CELICH, K. L. S. Convivendo com a morte e o morrer no cotidiano de cuidado da unidade de terapia intensiva. **Revista Nursing,** a. 9, v. 92, jan. 2006.

MARANHÃO, J. L. **O que é a morte.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORIN, E. **O homem e a morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

TINOCO, V. **Morte:** como as pessoas enfrentam? Disponível em: <www.4estacoes.com>. Acesso em: 18 jun. 2007.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na família:** sobrevivendo as perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MUERTE: UN ESTUDIO COMPARATIVO SOBRE LAS PERSPECTIVAS DE TRABAJAR CON LA MUERTE

RESUMEN: La muerte es una cuestión esencialmente humana, siendo considerada un hecho que fascina y que aterroriza. Esta investigación tuvo por objetivo general analizar las formas como profesionales que conviven con la muerte en sus prácticas cuanto a las personas, de forma general, trabajan con ese fenómeno y para tanto, fueron destacados los objetivos específicos: caracterizar culturalmente sus significados, identificar los principales factores culturales, que contribuyen para su enfrentamiento entre personas que trabajan profesionalmente con

ella y las otras personas, suscitar informaciones sobre las vivencias directas e indirectas con esa ocurrencia e investigar si la exposición frecuente a la situación de muerte contribuye para su mejor enfrentamiento. Participaron de esta investigación diez personas, siendo que cinco hicieron parte del grupo un (G1), el cual se refiere a las personas de modo general y cinco hicieron parte del grupo dos (G2) que se refiere a los profesionales que trabajan con la muerte en sus prácticas, elegidos de manera aleatoria intencional. Los datos fueron colectados por cuestionarios con preguntas abiertas y cerradas. Tras el análisis de los datos se percibió diversidad en la forma de enfrentamiento de las situaciones de pérdida entre los profesionales y las otras personas. Así, los profesionales producen mecanismos de negación en su práctica, como una manera de alejarse de la reflexión sobre la muerte. Las demás enfrentan la situación de manera particular, pues es un hecho inevitable que involucra una relación afectiva con el ente perdido.

PALABRAS CLAVE: Muerte; Cultura; Profesionales.

UNIVERSIDADE PARANAENSE

QUEM QUER SER CIENTISTA LEVANTE O BRAÇO 2008



ESTIMULE SUA CRIATIVIDADE E SENSO CRÍTICO

Através do Programa de Iniciação Científica – PIC, você pode participar de projetos de Pesquisa coordenados por pesquisadores mestres e doutores da Unipar. Além de muito conhecimento e experiência, você ainda pode receber uma bolsa auxílio através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC.

INFORMAÇÕES:

IPEAC - Campus Umuarama (Sede)

NISEPS (Unidades)

e-mail: copic@unipar.br

www.unipar.br/pesquisa

